

INVENTÁRIO URBANO COMO FERRAMENTA DE LEITURA TERRITORIAL

Autor: Lucas Silva Pamio

Arquiteto e Urbanista, Especialista em Planejamento Urbano e em Políticas Públicas

Filiação Institucional: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual

Paulista Júlio de Mesquita Filho, FAAC-UNESP.

E-mail: lsparquiurbe@gmail.com

RESUMO:

Sendo o território esse campo que pode vir a se tornar o espaço de determinado grupo social, é preciso conhecê-lo e de fato vivenciá-lo. É comum circular, habitar, utilizar, mas não pertencer, com isso observá-lo, questioná-lo, aprender sobre ele é essencial para obter o espaço urbano. O Inventário do Território do CRAS Betinha surge com o intuito de ser uma metodologia aplicada com o Grupo de Mulheres da instituição, a fim de investigar, percorrer e analisar o território que diz respeito ao Centro de Referência da Assistência Social II – São José (CRAS Betinha), composto por sete bairros e duas regiões na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, no interior paulista. Pautado em conceitos do Urbanismo Social e da Psicologia Afetiva, objetiva-se a construção coletiva de um inventário urbano.

Palavras-chave: Inventário Urbano; Território; Percurso; Mulheres.

GT 15 – Território, conflitos e ativismos sociais urbanos

INTRODUÇÃO

Inventariar é antes de tudo, dedicar-se a uma prática não habitual de nossas vidas, que está relacionada ao entendimento socio-urbano, diz respeito ao ato de observar, percorrer e ouvir diferentes pessoas sobre os processos de formação, as relações entre as partes e a

construção territorial de determinado pedaço, ou grupo de pedaços de chão. Algo pelo qual o “Inventário do Território do CRAS Betinha” dedicou-se ao longo de sete meses, tendo como base o urbanismo social, a psicologia afetiva, aliada a arte e a métodos de experimentação espacial.

Este trabalho apresenta um panorama referente ao processo de inventário urbano como prática de diálogo e ressignificação social, pois se acredita que tal exercício intui de modo facilitado a promover o debate e a partilha de informações relevantes para pautas do planejamento, do desenho e gestão urbana, possibilitando que mesmo os indivíduos sociais com menor grau de conhecimento possam inferir, de modo opinativo e reunir informações necessárias sobre o local em que residem, que utilizam e que circulam.

Tal abordagem, como uma forma de comprovar o exposto, foi praticado como um projeto socio afetivo junto ao Grupo de Mulheres do CRAS Betinha em Santa Cruz do Rio Pardo, onde as mulheres que frequentam o grupo de convivência da unidade, de forma colaborativa, construíram um inventário de território, elencando uma série de itens da ordem urbana. O resultado de tal experimento possibilitou que o compilado de informações, saberes, memórias e opiniões, agregasse valor a pauta urbana da cidade, além de ampliar o conhecimento delas mesmas, sobre o território pertencente a elas, ressignificando o local que habitam e utilizam.

Compreende-se que a ideia por trás de um processo de inventário, refere-se a um documento que lista, ou melhor, relaciona um conjunto de bens, que geralmente dizem respeito a posse de determinada pessoa, deixados por ela antes de sucumbir. Esta relação apresenta dados de nomenclatura, quantidade, qualidade, localização, estado e valor. No campo do urbanismo, o inventário pode ser entendido como uma junção de itens que dizem respeito a quantidade e qualidade de determinado espaço, sendo assim considerado um recurso de políticas públicas.

No caso do inventário de uma praça, ele pode dizer sobre seu desenho, se é ou não acessível, se possui mobiliários e a quantidade, se há elementos que aproximem ou afastem as pessoas, como áreas de risco, escorregadias, sem manutenção e também pode advertir sobre a relação afetiva que esses itens tem sobre as pessoas que utilizam esse espaço. Todo esse compilado informativo pode e deve ser utilizado como escopo de gestão municipal, ou ainda

como base opinativa e intuitiva dos civis em processos de revisão de Plano Diretor, por exemplo.

De fato, há uma série de formas, ferramentas e métodos para se analisar as questões urbanas, cujo objetivo é sempre o de melhorar a concepção da cidade enquanto espaço geográfico e também território ocupado. Panerai (2006) nos indica que deve haver enfoque e observações na mescla da apuração física, construtiva e de usabilidade urbana, formado por um conhecimento multidisciplinar sobre o urbano.

Cabe ao urbanista, buscar o entendimento quanto aos sujeitos individuais e coletivos, conforme orienta Secchi (2005). Tendo em vista a pluralidade do espaço urbano, manter um olhar que assente a soma de outros profissionais que dialoguem com as questões, considerando a vivacidade urbana, em que “nenhuma coisa está ‘acabada’, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 101.).

Com este estudo, que também traduz-se num experimento, objetivou-se desenvolver o inventário como método de análise e leitura de cidade, proporcionando à comunidade, lugar de fala e consciência de seu papel social, de modo que esta, representada pelo Grupo de Mulheres do CRAS Betinha, pudesse compreender as questões urbanas, desenvolvendo dados e reunindo informações que contribuíssem para a melhoria dos mecanismos de gestão, de planejamento e de direitos, tendo em vista, que a cidade, conforme propõe Lefebvre (1991), é a soma dos fundamentos presentes na conjuntura do meio urbano.

DESENVOLVIMENTO

Metodologia

Por se tratar de um percurso de trabalho que se traduz na própria metodologia, esta define-se como um processo colaborativo de busca, observação, discussão e reunião de dados, informações, comparações, detalhamentos, registros e memórias sobre o território, no caso específico, do território do CRAS Betinha, que inventariando o espaço urbano ao qual ele está inserido, pelas integrantes do Grupo de Mulheres da unidade, tendo como base referencial teórica, parâmetros e diretrizes do Urbanismo, das Políticas Públicas e da Assistência Social.

O inventário tornou-se uma prática de vivência, uma vez que ao longo de sua construção, as mulheres puderam experimentar o território ao qual pertencem e questionar características físicas e afetivas, como a relação de espaços e equipamentos públicos, relação de bairro, diferentes usos de determinado arruamento, além de questões estéticas, simbólicas e situacionais. Analisaram-se os processos de formação de 07 bairros e 02 regiões (parte da região central e um bairro rural), que dizem respeito ao território, por possuírem usuários dos serviços prestados e por terem essa unidade do CRAS como indicada.

De fato o ato de inventariar constituiu-se na própria metodologia, todavia, para que tal ato se tornasse possível, uma série de artifícios e ferramentas foram incorporadas para que sua produção ocorresse, a começar pela linguagem e partilha de conhecimento para com o grupo, noções sobre o que é cidade, o que é um bairro e um loteamento, características urbanísticas e relações sobre cultura e sociedade, foram apresentadas para que as mulheres tivessem uma base teórica. Utilizou-se de processos artísticos para que estas pudessem gerar produtos que futuramente se traduzissem no inventário.

Ao longo dos encontros que ocorriam as quartas e quintas-feiras, o grupo de mulheres, colheu texturas utilizando grafite sobre superfícies diversas, fez desenhos e anotações de observações, coletaram itens e objetos, fotografaram, pintaram e discutiram as diversas minúcias a respeito tanto da formação do território enquanto espaço físico, como também local de passagem de diferentes pessoas, de forma que tal conjunto de ações revela-se a própria evolução delas nesse ambiente, pois, “o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.” (SANTOS, 1978, p. 171).

O Grupo de Mulheres e o CRAS Betinha

O CRAS Betinha torna-se o ponto de partida, chegada e encontro para este inventário, uma vez que se entende na concepção territorial a qual é analisada, que física e conscientemente ele possui o papel de ponto de referência, uma vez que todos o conhecem na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade está localizada no centro-oeste do estado de São Paulo, possuindo pouco mais de 47 mil habitantes, segundo estimativas de 2020. O CRAS Betinha adotou este nome, uma vez que homenageia sua ex-diretora, Elisabete Soares de Carvalho, “Im

Memoriam”. Sendo que esta unidade do CRAS, trata-se do entro de Referência de Assistência Social II – São José.

Dentre as diversas funções e necessidades que a instituição possui para com a sociedade, algo que é ou deveria ser comum dentro das unidades dos Centros de Referência de

Assistência Social é a ampliação e destaque ao serviço de acolhimento e compreensão das necessidades e conflitos interpessoais daqueles que utilizam ou tem a unidade do SUAS como referência, algo da ciência dos moradores, que habitam e ocupam os bairros aos quais a unidade atende na cidade.

Ao adotar o território do CRAS Betinha, leva-se em consideração os bairros e regiões que se beneficiam da unidade, sendo eles o tradicional bairro de São José (um bairro com pouco mais de 90 anos, formado em sua maioria por trabalhadores da lavoura e cultura canavieira), os bairros de Vila Fabiano, Madre Carmem e Maristela (originados a partir de financiamento colaborativo para atender a demanda habitacional da década de 70 e 80), os bairros Vila Divinéia e Bom Jardim (que surgiram como ocupações irregulares e foram desfavelizadas nos anos 2000), o bairro Jardim Califórnia (loteamento recente, ligado ao programa Minha Casa, Minha Vida), parte da região central (Centro Histórico) e o bairro da Graminha (sendo um bairro de chácaras, já pertencente a zona rural).

É válido mencionar, que em relação ao processo de formação de alguns destes bairros, criou-se um estigma social de exclusão, pois, ainda que se trate de uma cidade de pequeno porte, ela apresentava, à época, áreas de habitação irregular, característica como áreas de favela, sendo estas áreas, hoje bairros já consolidados, pertencentes ao território, que é analisado no presente artigo.

O CRAS Betinha tornou-se referência para a cidade e região no centro-oeste paulista, por dinamizar e propor métodos de trabalho que transcendem o habitual. Por meio de programas, oficinas, rodas de acolhimento, o espaço que além de servir as atribuições tidas como necessidade para reduzir a vulnerabilidade das áreas que atende, tornou-se um espaço de formação e partilha de conhecimentos, onde todos os usuários têm voz e contribuem na construção de processos e projetos. Dentre os quais há o Grupo de Mulheres, estando algumas presentes na imagem a seguir:

Imagem 01: Parte do Grupo de Mulheres, junto a Psicóloga Antiella Carrijo Ramos e o Arquiteto e Urbanista Lucas Silva Pamio.



Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

O grupo é formado por mulheres com idades diversas, entre 18 e 80 anos, moradoras dos bairros e regiões atendidas pela unidade e tem o intermédio e cuidado da psicóloga e educadora Antiella Carrijo Ramos. O grupo, que existe já há alguns anos, se consolidou como uma grande família, onde todas são ouvidas, assistidas e são atores sociais, produzindo e celebrando produtos resultantes dos projetos desenvolvidos por elas, como é o caso do inventário.

Ao todo, participaram do inventário do território, 30 mulheres, que ao longo dos sete meses em que o projeto se desenvolveu, foram responsáveis pela partilha de lembranças, de curiosidades, de apontamentos e foram as responsáveis por apresentar o território sob suas vivências e andanças, de modo que o grupo como um todo, percorreu não somente o chão físico, como também o chão formado pelas memórias temporais e afetivas delas.

Algumas dessas mulheres, acompanharam o processo de urbanização de seus bairros desde o início. Viram e enfrentaram dificuldades, sentiram seus bairros melhorarem, desfavelizarem, uma vez que alguns destes bairros, a priori, foram comunidades precárias sem saneamento. Tristemente estes dados e trajetórias histórico-locais, não são de domínio público, logo o ato de inventariar o território é também um ato político de revisitar os degraus vencidos por essas mulheres, para se conquistar a tão almejada qualidade de vida.

Inventário Do Território Do CRAS Betinha

O Inventário do Território do CRAS Betinha surge da necessidade, das mulheres que frequentam o grupo de acolhimento, todas moradoras dos bairros atendidos pela unidade do Centro de Referência da Assistência Social do bairro de São José em Santa Cruz do Rio Pardo/SP em identificar e destacar as potencialidades locais, resgatando informações como lembranças e formulando opiniões sobre a qualidade urbana. Neste território, há uma mescla de bairros tidos como tradicionais, bairros rurais e bairros que passaram por processos de desfavelização, logo, há uma diversidade no que diz respeito a formatos, fluxos, acessibilidades, elementos visuais e paisagísticos e também questões socioculturais.

O decurso se dá pela junção de referências do Urbanismo, com ênfase ao Urbanismo Social, das Políticas Públicas e do SUAS - Sistema Único de Assistência Social, de modo que a todo o momento houvesse uma base que intervisse e fortalecesse os vínculos, garantindo a proteção social às mulheres. Inicialmente houve a necessidade de apresentar a elas alguns conceitos, com o intuito de elucidar a temática e os parâmetros a serem colhidos para compor o inventário, deste modo, utilizamos Lamas (2004), fundamentando o processo de inventariar o território em três principais escalas para se ler a cidade, iniciando pela escala da rua, escala de bairro e escala de cidade.

Em cada uma das escalas, orientou-se que as mulheres analisassem seus pedaços de chão de forma macro e micro, com a finalidade de que fosse observado e debatido tanto o território no todo, como também pessoal. Na escala da rua, discutiu-se a relação com a habitação e seu entorno, se há arborização frente à residência ou próxima a ela, se o calçamento é suficiente, se há relação com o vizinho, se há iluminação pública, se em dias chuvosos há o escoamento correto do volume pluvial, etc. Na escala da rua, também se elencou as características da rua em si, a intensidade de circulação de veículos, a segurança, sinalização, relações de usabilidade, como crianças e idosos circulando ou permanecendo nela (característico em cidades interioranas).

Na escala de bairro, destacaram-se os espaços e instituições presentes nos bairros, devido à diversidade dos bairros, esta discussão levantou um alto volume de dados para o inventário, uma vez que há, tanto bairros tradicionais mistos, formados por residenciais, comércios e instituições (educação, saúde e religião), como também bairros rurais, compostos

exclusivamente por chácaras e ranchos. Verificou que na condição dos bairros, as questões afetivas ganhavam destaque, uma vez que alguns destes originaram-se a partir de lutas e movimentos sociais, com isso, havia a necessidade de se discutir as vulnerabilidades, relacionadas muitas vezes a baixa infraestrutura urbana, com pouco ou nenhum calçamento, dificuldades na acessibilidade, vias estreitas, residenciais com pouco conforto térmico-acústico, além dos estigmas sociais. Mas também havia a necessidade de evidenciar as potencialidades, como o próprio processo de formação como um movimento de resistência urbana.

Para a construção do inventário, utilizou-se de uma ferramenta física para se conhecer e observar os bairros e ouvir das mulheres in loco, os processos de formação e ocupação dos mesmos, sendo os “pés”, conforme pode ser visto, conforme a imagem 02, em que o grupo caminha pelo território. Sendo que, esta foi a etapa mais importante e também a mais difícil de ser executada, uma vez que era importante vencer uma distância não habitual de algumas mulheres, devido a problemas de saúde e de movimento, logo as incursões, que chamamos de caminhadas de inventário, foram divididas em duas etapas, uma em que contemplou o grupo todo, onde caminhamos um percurso menor, em terreno não acidentado e outro, em que caminhou quem de fato se sentia confortável e seguro, de modo que as caminhadas corroborassem para ampliar o corpo teórico e visual do inventário.

Imagem 02: Incurção pelo bairro da Divinéia, um dos sete que compõem o território.



Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Na escala da cidade, o foco foi tecer, ainda que de forma rasa, comparações entre as partes que a compõem, não com o objetivo de balança, pesando medidas, mas para se

compreender os processos de formação histórica, onde se utilizou do planejamento urbano para idealizar porções. Um dos exercícios propostos foi o de ir ao encontro do início do processo de formação urbana da cidade, que também faz parte do território do CRAS Betinha, o intuito foi o de a partir do início, compreender os avanços. Levando em consideração que boa parte dos inícios de formação dos núcleos urbanos preservam suas características arquitetônicas e urbanísticas, inventariou-se a respeito dos arruamentos em paralelepípedo, as vias mais largas, as edificações e seus ornamentos, as luminárias de época, etc.

Ir para o início, metaforicamente, também diz respeito aos nossos inícios, nossa evolução, tal qual a cidade. Com isso, no processo de inventário, também se abordou as relações pessoais com a cidade, se a mulher é natural desta cidade, se veio com a família, se foi bem recebida, se adaptou com facilidade, se encontrou dificuldades, etc. Ainda que essa pauta não esteja diretamente ligada a processos de direito urbanístico, ela intui sobre como se prepara e apresenta-se a cidade aos seus munícipes e visitantes, conforme dialoga Silva (2002) sobre cidades atenderem aos desejos e às representações dos cidadãos, seus afetos e lembranças.

Imagens 03, 04,05: O trabalho de inventariar o território a partir das ações do Grupo de Mulheres.



Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

Ao longo da execução do projeto, percebeu-se quão dinâmico nosso território é e também, quão mutável, uma vez que ao longo dos meses em que o inventário foi sendo escrito, anotamos mudanças físicas em áreas do bairro: ruas foram recapeadas, novas construções surgiram, equipamentos públicos foram substituídos, pinturas de sinalização foram reinseridas e todas essas modificações, que urbanisticamente, costumam ser constantes, possibilitou discutir com o grupo a questão da temporalidade, pois, se em sete meses foram percebidas pelas

mulheres do grupo tais mudanças, no arco temporal que diz respeito ao processo de formação do território ao qual a elas pertencem, quantas mudanças houveram.

Outro ponto de discussão pelo grupo se deu em relação aos limites “rururbanos”, ou seja, a não existência de um anteparo físico ou simbólico entre a área urbana da área rural. O Território do CRAS Betinha localiza-se numa região de borda da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, sendo que em alguns pontos, já se encontra o limite urbano previsto de acordo com o Plano Diretor vigente. Logo, a proximidade do rural com o urbano, torna-se um ponto de questionamento entre as mulheres sobre caracterizar a paisagem na qual estão inseridas. Enquanto uma participante do grupo, descreve o entorno de sua habitação, formada por casas, ruas, árvores e pessoas; outra avista pasto, plantações, cochos e animais.

Como forma de compilar a produção teórico-visual a respeito do inventário, propôs-se a diagramação de um zine coletivo, que basicamente consiste numa revistinha, composta pelos exercícios, as discussões, memórias e dados informativos a partir das próprias mulheres, moradoras dos bairros atendidos pelo CRAS Betinha. Fundamentando-se como um documento, combina textos, fotografias e desenhos a partir das observações realizadas. Espera-se que este material possa contribuir com as análises e interpretações urbanas, uma vez que o Plano Diretor Municipal da cidade, está sendo revisado, tendo em vista que em decorrência da pandemia, a mobilização e a participação dos munícipes em audiências e encontros não ocorreu da forma como deveria, com isso, o zine contendo o inventário, torna-se um material consultivo e uma amostra daquele território.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inventário, que se iniciou como um processo metodológico, tornou-se mais uma peça dentre as tantas que dizem respeito ao território, pois nele está presente análises físicas, descritivas e memorativas, sobre espaços, edifícios e pessoas, logo seu dinamismo atingiu as expectativas, pois não se trata de uma peça engessada, apesar de se tratar de uma leitura teórica-visual, é possível experimentá-lo para vivenciá-lo através desses elementos.

Das ferramentas utilizadas para que o grupo pudesse dialogar e confeccionar produtos, estes resultaram numa exposição que de certo modo, traduz todo o processo de inventário, uma vez que enquanto esteve disponível para apreciação pública, contando com a presença das próprias mulheres executoras, dos utilizadores do CRAS, dos moradores dos bairros e

autoridades municipais, pode-se consumir o território através das obras, fruto das observações das próprias mulheres a respeito da habitação, da rua, da quadra, do bairro, dos pedaços, da cidade.

Aliás, a respeito da exposição, que do processo, foi também uma ação resultante e não prevista. Intitulada “Chão-Raiz”, a exposição que se configurou como uma mostra de arte a partir de observações territoriais, conforme é possível conferir através da imagem 06. Teve seu nome escolhido pelas próprias mulheres, por possuir relação com o chão onde criaram suas raízes, onde nasceram, ou para onde se mudaram e onde empreendem, circulam, utilizam e pertencem. Percebeu-se que mais que o escopo teórico que gradualmente foi sendo desenvolvido, no decorrer dos encontros semanais com as mulheres, o entendimento do urbanismo e as noções ligadas ao direito à cidade, eram aplicados e defendidos por elas.

Imagem 06: Abertura da mostra de arte “Chão-Raiz”, um dos produtos resultantes do processo de inventário.

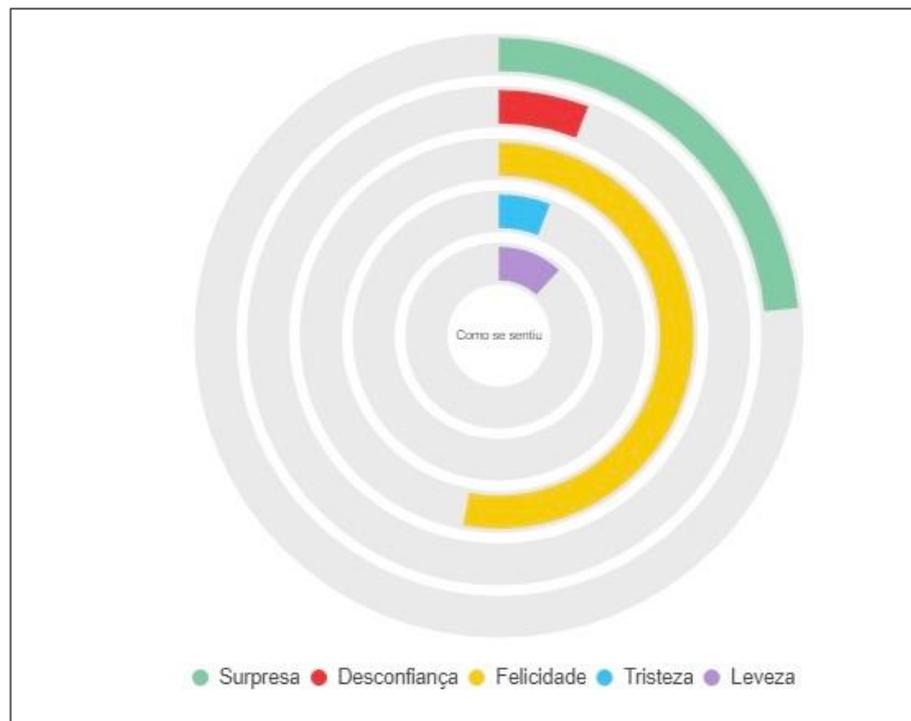


Fonte: Produzido pelo autor, 2022.

A fim de medir e levantar dados quantitativos, uma pesquisa de satisfação foi apresentada às mulheres do grupo, convidadas a responder um breve questionário, tendo como intuito compreender o nível de entendimento das mesmas em relação aos assuntos abordados e trabalhados ao longo desses sete meses, além de conferir como elas se sentiram em apresentar e analisar seu território, desse modo, obtendo-se 23 respostas dentre as 30 participantes, em

relação ao modo como se sentiram durante o processo de investigação, descobertas e caminhada pelo território, mais de 50% das respostas apontaram mulheres que se sentiram felizes pela construção do inventário, conforme gráfico a seguir:

Imagem 07: Gráfico de setor indicando o sentimento das mulheres em relação a construção do inventário.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Outro dado extraído e que foi importante para medir o grau de conhecimento adquirido durante o desenvolvimento do projeto, diz respeito ao que a integrante do grupo não conhecia sobre o território pertencente ao CRAS Betinha, que com o inventário passou a ter conhecimento e dentre as respostas dadas por elas, a que foi dada em maior número aborda o entendimento de áreas que elas mesmas não conheciam, além de curiosidades históricas, como, por exemplo, a existência de espaços onde se fixavam circos e parques itinerantes e também praças desconhecidas por algumas delas. E isto comprova, que muitas vezes se desconhece sobre nosso próprio bairro, mesmo numa cidade pequena.

Em relação à pesquisa de satisfação, mediou-se também a possibilidade das mulheres conseguirem explicar no que consiste um inventário urbano de território e dentre as respostas, ao todo 18 mulheres conseguiram formular respostas satisfatórias, sendo que dentre elas, uma

integrante do grupo respondeu que: “É uma aprendizagem sobre o território do qual fazemos parte e utilizamos. É onde andamos, onde moramos, onde trabalhamos, onde utilizamos. O inventário reúne características e pistas sobre uma parte da cidade”. Tal relato tem relação com conhecer de fato o território, para compreender o espaço no qual existimos.

Sobre isto, destaca Santos, 1978: “a utilização do território pelo povo cria o espaço”. É possível refletir que conhecer o território é essencial para obter o espaço, de modo que compreendê-lo só é possível se o território puder ser lido e sentido, deste modo o processo de inventariá-lo é tão importante. O território do CRAS Betinha tem sido aos poucos desvelado, uma vez que se trata de uma parte da cidade composta por bairros e agrupamentos urbanos que no passado careciam de recursos, socialmente tornou-se uma região indesejada, no passado, pouco lembrada pela administração pública, é recente o descortinamento para mostrar as potencialidades e também as fragilidades, uma vez que ainda se trata de uma área carente se comparada a outras regiões da cidade.

Aliás, nos últimos governos municipais e também atualmente, há um apreço público de resgate e apoio a evidenciar as pessoas, melhorando urbanisticamente esse território, o que não somente recupera-se fisicamente, como também coletivamente o senso de orgulho em fazer parte desse espaço. Além de servir como estímulo para que a transformação sociocultural também ocorra a partir dos feitos e ações individuais de cada integrante deste território que se recupera e que não mais se esconde.

Por meio da cartografia afetiva, desenvolveu-se também um mapa contendo a localização da grande maioria das integrantes do grupo e uma memória que as tenha marcado dentro desse território trabalhado. Esse mapa serviu de guia para que os percursos fossem realizados, de modo que facilitasse a localização e identificação com os bairros e pontos de interesse. Sendo que tal ação só foi possível de ser compreendida, pois ao longo do projeto trabalhou-se a leitura de mapas, de localizar-se espacialmente e de identificar direções a partir da contagem de quadras, tendo sempre o CRAS como ponto de referência principal, as praças como pontos secundários e a habitação de cada uma delas como ponto particular, conforme imagem a seguir:

pertence a determinado território e que pode vir a contribuir com análises no todo a partir de estudos municipais.

No total foram aproximadamente 80 horas de encontros com o grupo, dedicadas a explicar e compartilhar conhecimentos, ouvir, caminhar, observar movimentos, formas e objetos, coletar pistas, anotar, fotografar e opinar sobre diversos pontos. Conheceu-se sobre a história dos bairros, das pessoas, das épocas e de diferentes vivências. Cartografaram-se percursos, apontaram-se pontos de interesse e produziu-se arte baseada no itinerário prosseguido. O Inventário do Território do CRAS Betinha provou-se como metodologia de trabalho e de experimentação territorial, pois além de contribuir com a formação individualizada, tornou-se prova documentada para análises públicas municipais, pois leva em consideração a visão e percepção particular de quem habita e vive esse território.

Quanto a opinião das mulheres, verificou-se a cada encontro o entusiasmo em partilhar informações colhidas com familiares, ou lembradas por elas mesmas, que eram posteriormente incorporadas em nossas atas de reunião e pesquisadas para se obter alguma base comprobatória, a fim de se atribuir ao inventário certa credibilidade, não que isto necessitasse existir, porém, com isto tornar-se-ia o processo um guia para futuras consultas. O interesse e incentivo público municipal também se mostrou interessante do ponto de vista de utilização do inventário para estudos e orientações público-urbanas. Finalizou-se o Inventário do Território do CRAS Betinha com um modelo replicável, contendo um cronograma básico para que se colete o máximo de informações pertinentes a determinado território.

REFERÊNCIAS

- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LÉFÈBVRE, Henri. A vida cotidiana do mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
- PANERAI, Philippe. Análise Urbana. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2006. (Coleção arquitetura e urbanismo).
- SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SECCHI, Bernardo. A Cidade do Século Vinte. 1ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva, 2005.
- SILVA, A. Cidades Desencantadas. Folha de São Paulo, +Mais!, São Paulo, 28 de fev. de 2002. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0704200207.htm>>. Acesso em: 12 de março de 2022.